

O QUE TORNA O PRECONCEITO VISÍVEL?: uma análise do perfil @racismoinvisivel no Instagram¹ WHAT MAKES PREJUDICE VISIBLE?: an analysis of the @racismoinvisivel profile on Instagram

Tales Vinicius Lourenço ²

Resumo: O artigo analisa como o perfil @racismoinvisivel no Instagram emprega estratégias visuais para desvelar o racismo institucional e estrutural contemporâneo. O estudo utiliza o método qualitativo, combinando revisão de literatura e análise de conteúdo para compreender como as postagens veiculam o conceito de racismo invisível, fomentando reflexões críticas sobre as desigualdades raciais. A investigação situa-se no campo dos estudos de imagem e imaginários midiáticos, explorando a intersecção entre narrativa visual e conscientização. Conclui-se que o perfil adota uma estética estratégica para evidenciar questões de exclusão racial, tal qual contribui para um imaginário coletivo que desafia representações midiáticas hegemônicas.

Palavras-Chave: 1. Racismo 2. Comunicação 3. Negro 4. Mídia 5. Imaginário

Abstract: This article analyzes how the Instagram profile @racismoinvisivel employs visual strategies to expose contemporary institutional and structural racism. The study uses a qualitative approach, combining literature review and content analysis, to understand how the posts convey the concept of invisible racism, fostering critical reflections on racial inequalities. The investigation is situated within the field of media imagery and imaginary studies, exploring the intersection between visual narratives and social awareness. It concludes that the profile adopts a strategic aesthetic to highlight issues of racial exclusion, while also contributing to a collective imaginary that challenges hegemonic media representations.

Keywords: 1. Racism 2. Communication 3. Black 4. Media 5. Imaginary

1. Introdução

O racismo invisível é insidioso e opressor, visto que sua manifestação é sutil e não explícita, tornando-se difícil identificá-lo. Dessa forma, o seu pertencimento no contexto social, moldam as interações cotidianas e perpetuam a desigualdade racial, sem que haja uma

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagem e Imaginários Midiáticos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Estadual de Londrina (PPGCOM-UEL). Bacharel em Comunicação Social Publicidade e Propaganda pela UNOESTE. Bolsista CAPES. E-mail: talesviniciuslourenco@gmail.com

percepção compreensível por parte daqueles que se beneficiam desse sistema. Para Leite (2019, p. 19), o racismo não apresenta tanto a frequência tradicional, como ofensas diretas, segregação legalizada e violência aberta. O autor ainda menciona os termos “racismo sutil, cordial e moderno” para descrever esse formato discriminatório menos óbvio, porém eficaz ao perpetuar desigualdade e exclusão, bem como incluem, piadas veladas, micro agressões, até mesmo políticas que, sob um discurso igualitário, mantém suas práticas hostis. O aspecto de adaptação do racismo às mudanças da sociedade, influenciam nas relações de poder e nas representações culturais, estando presente nas experiências cotidianas, mesmo quando não é reconhecido como tal.

Tradicionalmente as mídias de massa costumam desempenhar um papel importante na formação do imaginário coletivo, porém, muitas vezes reforçam estereótipos para manter a invisibilidade das questões raciais.

[...] há racismo (des)velado nos memes Nego, já que, além de implicarem em infrações às leis, sugerem a desumanização das pessoas negras, a naturalização de sua sujeição às pessoas brancas e o reforço ao imaginário de que cabe à branquitude (com a prevalência patriarcal) ocupar espaços e posições privilegiadas na sociedade brasileira (MOREIRA; LIMA; BATISTA JÚNIOR, 2021, p. 22).

Em diversos meios de comunicação e espaços públicos, as representações visuais de pessoas negras é frequentemente marginalizada, perpetuando a ideia de “supremacia branca”³. Dessa forma, é consolidado um sistema de raças desigual, uma vez que a branquitude é valorizada, enquanto pessoas pretas são retratadas com subordinação ou modelagem invisível. À vista disso, essas imagens podem ser construídas por qualquer pessoa sob olhar da supremacia padrão, podendo desencadear um racismo internalizado⁴ (hooks, 2019, p.28).

No contexto contemporâneo, a internet móvel também pode ser utilizada como plataforma de resistência e contestação. O *Instagram*, em particular, entrega conteúdos produzidos por diversos usuários, que inclusive, a estética visual e simbólica formam identidades no compartilhamento de mensagens sociais e políticas. Dentro desse cenário digital, o perfil @racismoinvisivel destaca-se por viabilizar discursos ocultos, combinando

³ O termo “supremacia branca” refere-se a uma ideologia racista enraizada no colonialismo, onde narrativas culturais e a produção de conhecimento são dominadas por perspectivas brancas, excluindo ou subordinando as vozes negras e indígenas (hooks, 2019).

⁴ Racismo internalizado é quando indivíduos absorvem e reproduzem estereótipos ou atitudes discriminatórias contra si mesmos ou contra outros do mesmo grupo racial, como resultado da opressão sistêmica (hooks, 2019).

imagens, textos e layouts para expor várias formas de racismo, trazendo à tona discussões sobre exclusão racial, marginalização das comunidades e a importância de um posicionamento contrário ao eloquio dominante. Conforme Bilac Pianchão do Carmo; Guimarães Corrêa (2021, p.11) o olhar opositor, trata-se de uma postura crítica de aceitação parcial do que é mostrado, reinterpretando com questionamentos as mensagens implícitas da imagem. Esse olhar subverte as representações hegemônicas, utilizando-se da própria lógica da imagem para expor suas contradições e ressignificá-las, o que desafia as estruturas de poder que ela produz. Ao adotar uma estratégia visual, o perfil @racismoinvisivel denuncia a opressão dos marginalizados e convida os usuários a refletirem sobre suas próprias percepções, promovendo uma comunicação consciente.

O racismo cordial surge como uma proposta de entender como se manifesta o preconceito e o racismo em sociedades de cores plurais, multirraciais, como a brasileira. Essa proposta de compreensão complexifica-se também por outros elementos associados às questões históricas e culturais que, por exemplo, permeiam a sociedade brasileira, como o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento (LEITE, 2019, p.20).

A invisibilidade do racismo sob perspectiva sociológica constitui uma estratégia para perpetuar as desigualdades de forma velada, evitando confrontos diretos. O perfil @racismoinvisivel é uma tentativa de reversão dessa invisibilidade, em que, por meio de postagens, busca tornar o racismo visível. A rede social *Instagram*, com foco em imagens e vídeos, se torna o espaço ideal para essa subversão, bem como argumenta Coldry (2017), as plataformas digitais são espaços de interação social que contribuem para a construção de imaginários midiáticos, devido a suas imagens, que são poderosas ferramentas de convencimento e mobilização.

O artigo tem por finalidade analisar como o perfil @racismoinvisivel dispõe de estratégias visuais para transformar o racismo invisível em visível, observando a forma pelo qual os seus conteúdos publicados no *Instagram* se tornam materiais de reflexão crítica e mobilização. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com revisão de literatura e análise das postagens do perfil, a fim de compreender de que maneira as representações visuais contribuem para a criação do imaginário coletivo que desafia o midiatismo hegemônico. O imaginário é a capacidade humana inevitável de simbolizar a realidade. Em outras palavras, é o elemento central na construção das narrativas, mitos e símbolos que moldam as culturas e suas experiências (DURAND, 2011, p.17). A interação social ocorre

em contextos permeados por imaginários preexistentes, compostos por representações coletivas que são construídas e compartilhadas socialmente. Contudo, esses imaginários não são adotados de forma absoluta por todos os indivíduos, pois apresentam ambiguidades e estão sujeitos a transformações históricas. Assim, eles se configuram como estruturas coletivas e dinâmicas, que influenciam nas interpretações individuais e promovem a evolução cultural (FAUSTO DA SILVA JÚNIOR; DE CARVALHO, 2024, p. 5). Para mais, o imaginário funciona como uma força comunicacional, que facilita a criação de vínculos entre as pessoas, de modo que proporciona mediações simbólicas que constituem um senso de compartilhamento. Outrossim, ele é responsável por gerar tanto o sentido quanto o afeto — sendo estas emoções entendidas como a dimensão sensível da experiência humana (SODRÉ, 2006, p.11). Assim, o imaginário transmite ideias e significados, dos quais emergem sentimentos, gerando significativas movimentações que influenciam as experiências e fortalecem a conexão entre as pessoas.

A relevância dessa pesquisa está no contexto atual das redes sociais, que tornaram-se espaços disruptivos para a construção de novos formatos de ativismo digital, dado que comunicam a necessidade de promover mudanças públicas. O corpus de análise compreende cinco posts do perfil que expõem a realidade do racismo sutil e estrutural, propondo uma crítica visual e narrativa acessível a um público amplo, do qual em sua maioria, são jovens engajados com o midiativismo. O impacto das peças é visto como reflexo de uma transformação social em curso, posto isso, o objetivo central do estudo é entender como os conteúdos do perfil denunciam a opressão racial, favorecendo a uma semântica de luta e contribuindo para a formação de um imaginário crítico (RANCIÈRE, 1996). Metodologicamente, é apresentada uma contribuição para o campo de estudos da comunicação e do imaginário midiático, discutindo as principais contribuições teóricas dos pesquisadores Jesús Martín-Barbero (2003), Muniz Sodré (2006), Jacques Rancière (2009) e Gilbert Durand (2011). Dessa forma, busca-se amplificar a compreensão sobre como a plataforma digital *Instagram* transforma as relações de poder e questiona as representações dominantes, denunciando o racismo cordial por meio da propagação dessas publicações do perfil @racismoinvisible. O artigo também é composto por uma revisão de literatura sobre o conceito de racismo cordial, proposto por Francisco Leite (2019), que analisa a manifestação do preconceito em sociedades multirraciais, onde o mito da democracia de raças e a ideologia

do branqueamento mascaram a persistência da opressão, tal como as reflexões de bell hooks (2019) sobre o racismo internalizado — que ocorre quando as próprias vítimas assimilam e reproduzem os costumes criados pela supremacia branca. Por fim, a pesquisa destaca a importância do antirracismo como resposta política à opressão da diversidade, incluindo a revisão crítica dos imaginários sociais e das representações midiáticas já citadas anteriormente, bem como, a valorização da cultura negra e a implementação de políticas afirmativas que promovam a equidade racial (LACERDA; SOARES, 2023).

2. A permanência de um sistema opressor

O racismo enquanto sistema de dominação, exclusão e preconceito, não se limita a manifestações explícitas ou individuais, já que ele se insere nas estruturas sociais, perpetuando desigualdades que afetam diretamente a vida da população. Segundo Lima e Vala (2004) o termo se constitui por um processo de hierarquização que exclui e discrimina um indivíduo ou toda categoria social que é definida como diferente, baseando-se em alguma marca física externa (real ou imaginária). Em complemento, Francisco Leite ressalta que:

[...] é pertinente indicar que, no contemporâneo, o racismo não vem sendo mais manifestado na sua forma tradicional e explícita, mas suas manifestações ganham modos sofisticados de expressão que o qualificam como racismo sutil, cordial, moderno, entre outras (LEITE, 2019, p.19).

O autor menciona que essas expressões do racismo são associadas às análises empregadas em sociedades definidas como “bi-raciais”, estabelecendo-se pela percepção de grupos exógenos (LEITE, 2019). Nesse sentido, o racismo cordial propõe entender como o preconceito se manifesta em sociedades de cores multirraciais, como por exemplo, a brasileira. Ainda em consonância com o autor, a manifestação do racismo contemporâneo é através de micro agressões, estereótipos culturais, piadas veladas e políticas que, embora aparentemente neutras, reforçam a exclusão (LEITE, 2019). Compreende-se que essas adaptações o torna ainda mais difícil de ser identificado, visto que existe uma camuflagem sob aparência de normalidade. Como aponta hooks (2019), o racismo internalizado é um dos resultados desse processo, no qual as próprias vítimas assimilam e reproduzem os estereótipos criados pela supremacia branca.

Jessé Souza (2019) reforça que o aspecto principal de todo racismo é a separação ontológica dos indivíduos, além do mais sua compreensão conceitual não deve apenas ser

direcionada ao sentido restrito do preconceito racial e fenótipo, pois a hierarquização de indivíduos, classes e países está atrelada aos mesmos procedimentos de legitimação distintas e ontológicas. A noção de racismo estrutural proposta por Silvio Almeida (2020), entende que o racismo está entrelaçado nas relações institucionais e sociais, pois ele não depende da intenção individual de discriminar, manifestando-se através de práticas de normas que privilegiam um grupo racial em detrimento do outro. A predominância de pessoas brancas em posições de poder, a desigualdade no acesso à educação e a saúde são algumas das evidências desse fenômeno social. Ainda, o racismo cordial é sustentado por narrativas culturais sensacionalistas que enfatizam a ideia da sub-representação de negros na mídia (MOREIRA; LIMA; BATISTA JÚNIOR, 2021). Dessa forma, a invisibilidade contribui para a manutenção de um imaginário coletivo que naturaliza as hierarquias raciais, dificultando a oposição perante aos enfrentamentos.

Como argumenta Coldry (2017), a naturalização dos estereótipos racistas nas práticas cotidianas e nas representações midiáticas é um dos maiores obstáculos para a sua superação. Sendo assim, tornar o racismo visível é um passo importante para a desconstrução das estruturas que o sustentam, promovendo uma sociedade verdadeiramente igualitária. Bem como argumenta Francisco Leite, o antirracismo não se limita apenas à mera negação do racismo, uma vez que exige uma postura ativa e engajada na desconstrução da desigualdade.

[...] numa sociedade racista, os indivíduos brancos e não brancos precisam, para além de não serem racistas, buscar exercer a construção de posturas anti racistas que produzam ações e resistências para combater e erradicar o racismo, visando, por conseguinte, a uma transformação social. (LEITE, 2019, p.27).

Além do mais, o antirracismo pode ser compreendido como resposta política e cultural à opressão, que manifesta-se tanto no plano discursivo, quanto nas práticas cotidianas.

Agir para resistir, desafiar, desestabilizar, inibir, reduzir e erradicar o racismo e suas estruturas é a mensagem do antirracismo, que em linhas gerais pode ser compreendido como as expressões ou “o falar da resistência negra contra o racismo branco” (BONNETT, 2003 *apud* LEITE, 2019 p. 27, tradução nossa).

Entende-se que essa resistência envolve a criação de estratégias que visam desnaturalizar o racismo e questionar os privilégios da branquitude. Em consonância com as considerações de Silvio Almeida (2020), a luta contra o racismo não se restringe à presença de pessoas negras em espaços de representatividade, já que se a forma como essas pessoas são retratadas continua sendo determinada por pessoas brancas — isto é, por seus valores, mentalidades e visões de mundo que são predominantes, então as narrativas sobre esses indivíduos ainda

reforçam, estereótipos. Isso ocorre porque a branquitude, enquanto identidade coletiva de estruturação das produções culturais, mantém a visão distorcida e limitada das experiências e identidades de pessoas negras. O antirracismo pressupõe uma revisão crítica de imaginários sociais das representações midiáticas, dado que a desconstrução dessas narrativas hegemônicas é imprescindível para promover uma visão plural e inclusiva da sociedade. Isso implica, por exemplo, a valorização da cultura de raças, o reconhecimento das contribuições históricas desses povos, e a promoção de políticas afirmativas que garantam a equidade racial (MOREIRA; LIMA; BATISTA JÚNIOR, 2021).

3. Além dos Posts

O *Instagram*, em particular, é uma plataforma de rede social que possibilita um espaço para socializar, trocar de experiências, produzir e veicular vários conteúdos, incluindo os que desafiam as estruturas hegemônicas racistas. Nesse contexto, destaca-se o conceito de midiativismo, o qual para Sodré (2018), o termo é uma guerrilha eletrônica, de expressão “velha e nova”, pois é remanescente ao conceito de *guerilla-television*, utilizada em décadas passadas para descrever práticas de mídias que desafiavam o controle capitalista das grandes corporações sobre ondas hertzianas (TV, rádio) e, atualmente, se amplia ao ecossistema da comunicação tecnológica (*Internet*, redes sociais, *blogs* e etc). Assim, o midiativismo não se restringe a uma faixa etária específica, porém exerce maior influência sobre as novas gerações, que combinam estratégias digitais com a força presencial das ruas (SODRÉ, 2018). Em outras palavras, o ativismo midiático diferencia-se das mídias tradicionais por sua propagação descentralizada e participativa. Por isso, a rede social *Instagram* permite que seus usuários e coletividades produzam e compartilhem conteúdos de forma autônoma, criando narrações alternativas que contestam o *status quo*. À vista disso, Castells (2015) argumenta que a *internet* e as redes sociais possibilitaram a emergência de um espaço disruptivo de comunicação, em que atualmente, muitos cidadãos se organizam para mobilizar em prol de causas sociais. Essa democratização é relevante para a luta antirracista, que enfrenta invisibilidade e distorção de suas pautas nas mídias hegemônicas.

A mídia é um terreno de disputas no qual grupos sociais importantes e ideologias rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. A intenção é analisar o modo como os efeitos da cultura da mídia estão influenciando os vários aspectos da vida cotidiana, o modo como as diversas formas de cultura veiculada pela

mídia induzem indivíduos a se identificarem com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes. O processo de doutrinação ideológica não se dá de maneira rígida, mas sim pelo prazer, a qual o entretenimento utiliza-se de instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público promovendo a identificação deste com certas opiniões, atitudes e sentimentos (KELLNER, 2001 *apud* MOURA, 2017, p.46).

O trecho de Douglas Kellner (2001), citado por Moura (2017) é uma reflexão sobre o papel da mídia como um espaço de disputa ideológica e cultural. Para mais, a mídia é um campo discursivo de contestação, onde grupos rivais lutam para impor suas visões e valores. Por conseguinte, é influente e molda comportamentos e percepções que são disseminados de forma sutil em diversos formatos. Ademais, o processo de influência ideológica é por meio da utilização de elementos que cativam o público, fazendo com que ele se identifique com certos posicionamentos de forma quase inconsciente (MOURA, 2017).

No *Instagram*, a combinação de recursos visuais e narrativos, permite a criação de conteúdos capazes de construir uma formação imaginária e coletiva. Como observa Gilbert Durand (2011), o imaginário é uma estrutura simbólica organizada das representações humanas, do qual influencia a maneira como toda a realidade é interpretada. Assim, as imagens são constituídas de significados culturais e afetivos, que moldam a compreensão social. Seguindo essa linha de pensamento, Sodré (2006) propõe que o imaginário midiático é desenvolvido a partir de símbolos, elementos e narrativas visuais que ressoam o inconsciente coletivo, o qual influencia nas diversas percepções e comportamentos. Além do mais, Martín-Barbero (2003) aponta a cultura midiática como uma virada visual, em que as imagens são mediadas por experiências sociais. Bem como, Rancière (2009) argumenta que a política da imagem está intrinsecamente em conformidade com a redistribuição do sensível — ou seja, à maneira como os padrões sociais são definidos e contestados. O autor enfatiza que as imagens são caracterizadas pelo reflexo da realidade, transformando a criação de novas formas de visibilidade em ações. De acordo com os pesquisadores, o *Instagram* é uma exemplificação de espaço para a produção de imaginários. Isso se traduz na utilização estratégica e midiativista da propagação dos conteúdos visuais e narrativos produzidos em diversos formatos, com objetivo de desconstruir e promover a visibilidade das questões antirracistas. Ainda do ponto de vista social, questionar o estruturalismo padrão contribui para a formação de um imaginário crítico, do qual desafia as narrativas hegemônicas e promove a conscientização da necessidade de mudanças estruturais. Entretanto, somente a

representação por si só não basta para elevar os marginalizados a posições de poder, incluindo o poder comunicacional (LACERDA; SOARES, 2023, p.11). É preciso que essa movimentação seja acompanhada de ações concretas que transformem as estruturas sociais, culturais e políticas.

4. Invisibilidade racista: uma análise

O perfil @racismoinvisivel no *Instagram* destaca-se por ser uma iniciativa digital do idealizador Lucas Brandão para expor diversas facetas do racismo, promovendo a conscientização. Criado com intuito de tornar visível o que muitas vezes passa despercebido, a conta combina posts artísticos e textos reflexivos para denunciar práticas discriminatórias e questionar estereótipos enraizados. Com uma estética cuidadosamente planejada e uma abordagem midiativista, o @racismoinvisivel tornou-se na plataforma um importante canal educativo antirracista, engajando e interagindo com os seus seguidores por meio de conteúdos com temas sobre privilégios, desigualdades e representação. Logo, nesta seção, serão analisados cinco conteúdos publicados pelo perfil, a fim de compreender como suas estratégias visuais e narrativas contribuem para a desconstrução do racismo invisível e a formação de um imaginário coletivo crítico e inclusivo. O foco será em dois aspectos centrais: a estética visual e a composição da imagem, e a narrativa textual e os recursos linguísticos utilizados. A análise procura compreender como esses elementos se articulam nos objetivos supracitados acima.



FIGURA 1 – Postagem do perfil @racismoinvisivel/ Instagram

FONTE – Instagram, 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COjI4UHJriu/>

Na Figura 1, o post ilustra um personagem negro central, aparentemente um atleta com fone de ouvido, segurando uma placa com a seguinte frase: “É racismo destacar atletas negros apenas por sua força física”. O texto adota um tom denunciativo de racismo velado, abrindo espaço para uma discussão sobre estereótipos da força física. Nesta circunstância, observa-se como as mídias ainda reforçam um imaginário limitador, onde atletas negros são reconhecidos apenas pela dimensão do seu desempenho e potência física, enquanto a inteligência tática e estratégica é frequentemente atribuída ao arquétipo intelectual, ou seja, atletas brancos (DURAND, 2011). Esse discurso reducionista, reforça padrões históricos de exclusão e hierarquização racial (SODRÉ, 2006). Entende-se que a crítica ao racismo na publicação é interpretada como uma tentativa de redistribuição do sensível, no sentido de contestar os padrões de visibilidade impostos pela mídia hegemônica, propagando novas formas de visibilidade e reflexão (RANCIÈRE, 2009).

**COR DO
PECADO
NUNCA
MAIS!**

@RACISMOINVISÍVEL



FIGURA 2 – Postagem do perfil @racismoinvisivel/ Instagram

FONTE – Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-X9Dc1BmWd/>

A imagem da Figura 2 apresenta uma escala monocromática, do qual discursa um significado semântico identitário, social e reflexivo. A paleta associa “tons de pele” a alguns alimentos, como baunilha, brigadeiro, chocolate e café — do claro para o escuro, objetivando contemplar um imaginário racializado. A escolha dos nomes da paleta demonstra um padrão discursivo que ameniza a diversidade racial, inibindo as identidades negras em categorias que são associadas ao consumo e ao prazer. Segundo Jacques Rancière (2009), esse fenômeno apaga a negritude enquanto identidade política e histórica. Assim como, o imaginário é organizado por meio da representação simbólica escalada, moldando a compreensão sobre cores e raças (DURAND, 2011) e definindo o que vale a pena ser visível na sociedade. A estruturação do imaginário midiático contesta padrões socioculturais (SODRÉ, 2006). No Brasil, a novela *Da Cor do Pecado*⁵ (2004) reforçou um imaginário racial baseado na

⁵ *Da Cor do Pecado* (2004) é uma telenovela da emissora Globo, com roteiro/ direção de João Emanuel Carneiro e Denise Saraceni. Com gênero comédia romântica contemporânea, foi ambientada em São Luís, Maranhão, e no Rio de Janeiro, apresentando como eixo central um romance inter-racial entre Preta (Taís Araújo), uma feirante de origem humilde, e Paco (Reynaldo Gianecchini), herdeiro de uma família abastada. A narrativa se desenvolve a partir das tensões desse relacionamento, inserido em um triângulo amoroso que também envolve Bárbara (Giovanna Antonelli), contribuindo para a construção dos conflitos dramáticos da trama. Informação disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/da-cor-do-pecado/noticia/da-cor-do-pecado.ghtml>.

Acesso em 21 fev 2025.

hipersexualização de corpos negros, exotizando a miscigenação. A frase trazida pelo post “Cor do Pecado Nunca Mais”, enfatiza a necessidade da desconstrução desse imaginário, denunciando como a mídia historicamente cooperou para a associação da pele negra ao desejo e à transgressão. Vale ressaltar que o conteúdo é mediado por experiências sociais, o que significa que o @racismoinvisible se apropria das estratégias imaginárias para ressignificar esse discurso (MARTÍN-BARBERO, 2003), provocando uma reflexão sobre como a linguagem cotidiana costuma naturalizar esse estereótipo racial.



FIGURA 3 – Postagem do perfil @racismoinvisible/ Instagram

FONTE – Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9m8VqIhes0/>

Temos na Figura 3, uma abordagem criticamente prática a inclusão simbólica de pessoas negras em estratégias de marketing empresariais, sem mudanças verdadeiramente inclusivas. A publicação ilustra um personagem negro segurando uma placa com a frase: “Negro não é Estratégia de Marketing”. Na publicidade, esse tipo de estratégia é conhecida como tokenismo racial⁶.

⁶ O tokenismo refere-se à nomeação de uma pessoa negra a um cargo de destaque em uma organização como estratégia para aparentar inclusão e diversidade, sem garantir uma representatividade significativa em demais espaços da instituição. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/592113#:~:text=O%20tokenismo%20se%20caracteriza%20pela,negras%20em%20outros%20espa%C3%A7os%20institucionais>. Acesso em 21 fev 2025.

Alimentando-se dos significados que circulam na sociedade, em conformidade com o seu tempo histórico, o discurso publicitário está presente de forma capilarizada e inescapável em nosso cotidiano. Além de nos apresentar produtos para o consumo, ela nos fornece, no mesmo gesto, instrumentos para pensar a respeito dos valores e comportamentos validados pela cultura hegemônica (BERALDO, 2023, p.5).

Em consonância com a autora e segundo Gilbert Durand (2011), no contexto midiático as imagens publicitárias influenciam na formação do imaginário, determinando quais corpos são visíveis e de que maneira são representados. Historicamente, na publicidade a presença de pessoas negras era restrita à subalternização, com o crescimento das políticas por diversidade, as imagens publicitárias passaram a incluir negros em suas campanhas, contudo, ainda existem empresas que atuam criando um imaginário de inclusão superficial (SODRÉ 2006) — uma vez que a presença negra é um símbolo de modernidade e aceitação, porém não reflete um posicionamento verdadeiro na cultura de políticas afirmativas. A representação pode ser uma conquista simbólica, mas, sem ações concretas, não altera o racismo sistêmico (LACERDA; SOARES, 2023). A política da imagem se insere na redistribuição do sensível (RANCIÈRE, 2009), em outras palavras, à forma como a sociedade define o que pode ser legitimado, posto isso, a frase central da imagem desafia essa lógica ao questionar se a presença de negros em campanhas publicitárias tem um impacto real na inclusão, ou somente é estratégico para um retorno de investimento empresarial satisfatório. Enfim, o post analisa o impacto da representação supérflua no consumo e denuncia à apropriação do negro como estratégia de mercado.



FIGURA 4 – Postagem do perfil @racismoinvisivel/ Instagram

FONTE – Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-nLHnGBZrU/>

A Figura 4, intitulada “Bingo do Racismo”, expõe um conteúdo interativo com frases racistas comuns. Através de uma abordagem lúdica e incisiva, a publicação propõe conscientizar os usuários sobre a naturalização do racismo estrutural, ironizando os discursos discriminatórios na sociedade. Nesse caso, o imaginário proposto por Durand (2011) se constrói por meio de termos repetidos que, ao longo do tempo, normalizaram a exclusão e a violência verbal contra pessoas negras. A ideia da publicação apresenta o quanto expressões racistas e aparentemente banais se tornaram comuns, contudo esse fenótipo reforça hierarquias da branquitude, desumanizando os marginalizados. De acordo com as perspectivas de Sodré (2006), a publicação desconstrói o imaginário racista ao encarar a violência fraseada como algo problematizado. Martín-Barbero (2003) também afirma que a cultura midiática contemporânea passa por uma virada visual, em que a comunicação digital estimula a participação do público. Sob as considerações de Rancière (2009) observa-se uma redistribuição do sensível, pois o olhar da população é deslocado para o reconhecimento de aspectos racistas estruturais. O conteúdo 4 não apenas propaga a denúncia, mas também mobiliza por meio de uma comunicação midiativista, incentivando os usuários a engajarem a discussão de maneira crítica, reflexiva e pessoal.



FIGURA 5 – Postagem do perfil @racismoinvisivel/ Instagram

FONTE – Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9y4DXch0Ns/>

O último conteúdo a ser analisado, mostra o desenho de uma mulher preta com um pente em seus cabelos afros, segurando uma placa escrita: “Chamam de sorte, chamamos de suor”. A representação evoca debates sobre a invisibilidade no esforço da população negra e como suas conquistas são minimizadas, sendo à sorte atribuída ao invés da competência. No contexto do racismo estrutural, o imaginário coletivo é moldado pela interpretação (DURAND, 2011), melhor dizendo, a narrativa meritocrática opera nas justificativas das desigualdades, ignorando as barreiras sistêmicas que impedem a ascensão social dos grupos marginalizados. O texto da imagem sugere uma crítica a essa lógica da liderança. Os negros, ao conquistarem lugares que historicamente lhe foram negados, têm seu esforço deslegitimado. Essa lógica também reforça o que Sodré (2006) chama de imaginário midiático hegemônico, que invisibiliza e perpetua a ideia de que o sucesso negro é algo improvável ou acontece de forma acidental. A representação do penteado afro como símbolo de resistência se relaciona com a sensibilidade de Rancière (2009), o autor argumenta que as imagens podem transformar as percepções sociais, desafiando os padrões hegemônicos (MARTÍN-BARBERO, 2003). No caso da Figura 5, o cabelo da mulher é um marco de identidade, reafirmando a importância da sua autoestima diante da opressão estética. O discurso do post contesta as narrativas tradicionalistas, inserindo-se na lógica do

mediativismo e utilizando a identidade do negro para afirmar que a ascensão do preto não é resultado de sorte, mas sim de esforço. Além do mais, denuncia os estereótipos de raça com o reposicionamento da narrativa sobre o sucesso da raça, promovendo um imaginário crítico de reconhecimento da trajetória de luta pelas oportunidades e políticas afirmativas.

Considerações finais

O racismo invisível é uma forma insidiosa de opressão, perpetuando as desigualdades raciais (LEITE, 2019). A análise do perfil @racismoinvisivel demonstra como as estratégias visuais e narrativas podem ser úteis para infelizmente, ainda tornar o “óbvio” necessário para a propagação da conscientização e reflexão crítica sobre diversas formas de racismo que permeiam a contemporaneidade (MOREIRA; LIMA; BATISTA JÚNIOR, 2021). As imagens e os textos conseguem desconstruir estereótipos racistas, questionar práticas discriminatórias e denunciar narrativas hegemônicas de naturalização do marginalismo de pessoas negras. As figuras analisadas evidenciam a manifestação velada por meio de micro agressões, superficialidade midiática, linguagens cotidianas e superestimação dos estereótipos. Bem como, a estética visual é cuidadosamente planejada para comunicar o mediativismo do perfil, construindo a formação de um imaginário (DURAND, 2011) crítico de resistência e contestação (SODRÉ, 2006). O perfil @racismoinvisivel exemplifica como o *Instagram* atua como um espaço disruptivo para a construção de novos formatos de ativismos capazes de mobilizar um público em prol de políticas afirmativas. Entretanto, é importante ressaltar que a visibilidade do racismo, por si só, não é suficiente para erradicá-lo. Finalizando, uma comunicação consciente e engajada contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade seja verdadeiramente respeitada. Porém, luta antirracista exige ações concretas que transformem as estruturas hegemônicas, sociais, políticas e culturais (LACERDA; SOARES, 2023).

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BERALDO, Beatriz. **Imagens e memórias artificiais: a publicidade do Itaú e as seleções femininas de futebol**. In: Anais do 33º Encontro Anual da COMPÓS. [S.l.]: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/imagens-e-memorias-artificiais-a-publicidade-do-ita-e-as-selecoes-femininas-de?lang=pt-br>>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BILAC PIANCHÃO DO CARMO, D.; GUIMARÃES CORRÊA, L. **Olhar corpos e produzir imagens: a prática opositora de duas mulheres negras** em 2020. E-Compós, [S. l.], v. 26, 2021. DOI: 10.30962/ec.2424. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2424>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge, UK: Polity Press, 2017.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca da ciência e filosofia das imagens**. São Paulo: Difel, 2011.
- FAUSTO DA SILVA JÚNIOR, A. C.; DE CARVALHO, C. A. **Dos imaginários colonizados às sensibilidades descolonizadas: Racismo em imagens de festas barebacking sex**. E-Compós, [S. l.], v. 27, 2024. DOI: 10.30962/ec.2663. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2663>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- hooks, b. **O olhar opositor: mulheres negras espectadoras**. In: hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 214-240.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru-SP: EDUSC, 2001. Disponível em: https://ufabcpoliticacultural.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf. Acesso em: 19 fev. 2025
- LACERDA, Rayane; SOARES, Alan. **A violência da ausência: invisibilidade negra e indígena nas mídias visuais**. In: Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS. [S.l.]: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-violencia-da-ausencia-invisibilidade-negra-e-indigena-nas-midias-visuais?lang=pt-br>. Acesso em: 20 fev. 2025
- LEITE, F. Para pensar uma publicidade antirracista: entre a produção e os consumos. In: LEITE, F.; BATISTA, L.L. (Orgs.). **Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios**, 2019. p. 17-66.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estud. psicol. [online], Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003
- MOREIRA, A. P.; LIMA, A. M. P.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L. Memes Nego – o discurso racista (des)velado na composição multimodal. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–24, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1888. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1888>. Acesso em: 6 jan. 2025.

MOURA, Tatiana Maria de. **Racismo nas redes sociais**: perpetuação do imaginário social de inferiorização do negro na sociedade brasileira. *Emblemas*, Catalão, v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/emblemas/article/view/39488/22482>. Acesso em: 19 fev. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: Estética e Política. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. Ó dissenso. In: NOVAES, Adauto (org.). **Uma crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 367-383.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Midiativismo**: uma espécie de filho histórico de John Dewey. In: BRAIGHI, Cláudia; LESSA, Bruno; CÂMARA, Cláudio (orgs.). *Interfaces do midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 21.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.